



ENSAIO VISUAL

ITINERÂNCIA

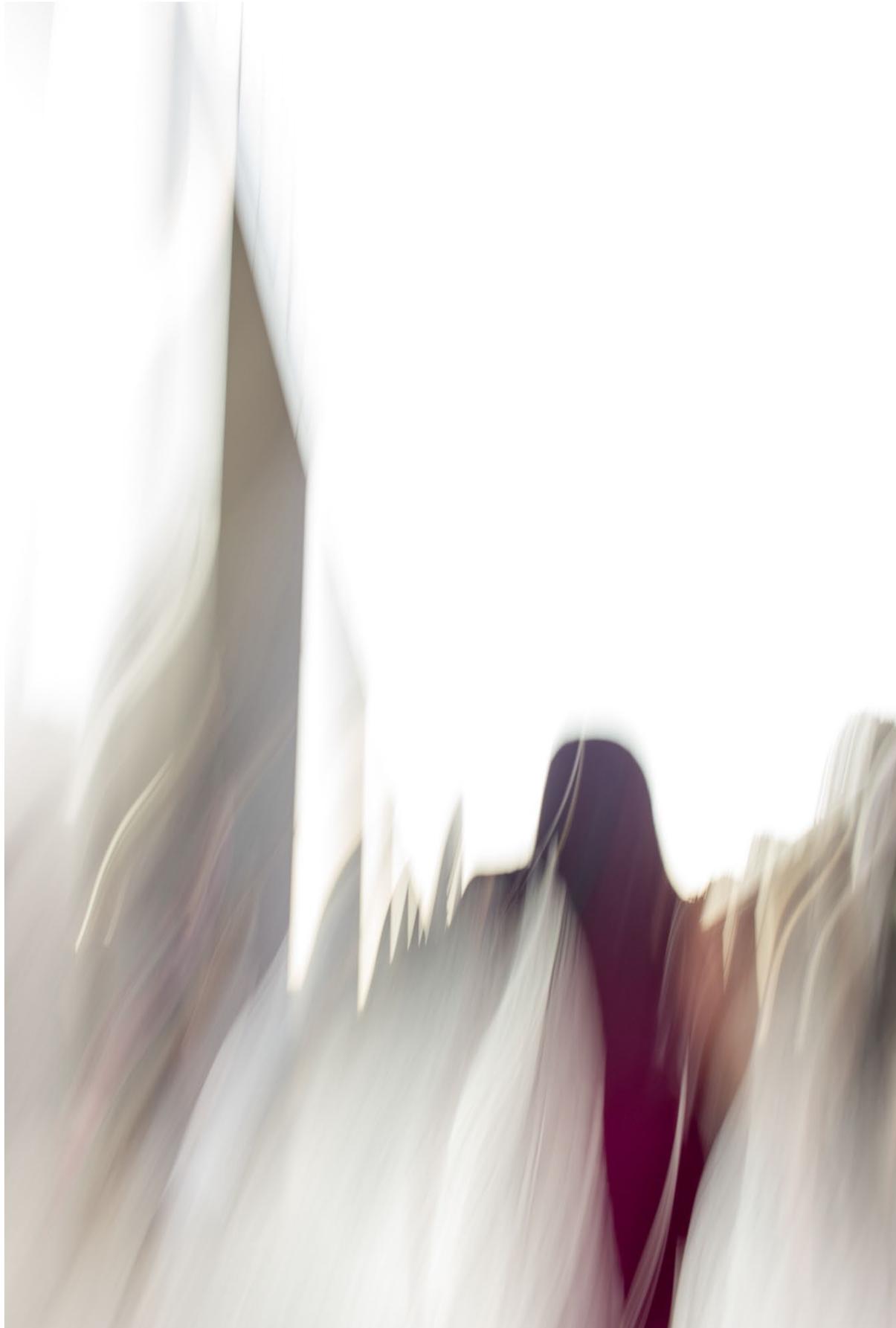
ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE A CIDADE E O EFÊMERO

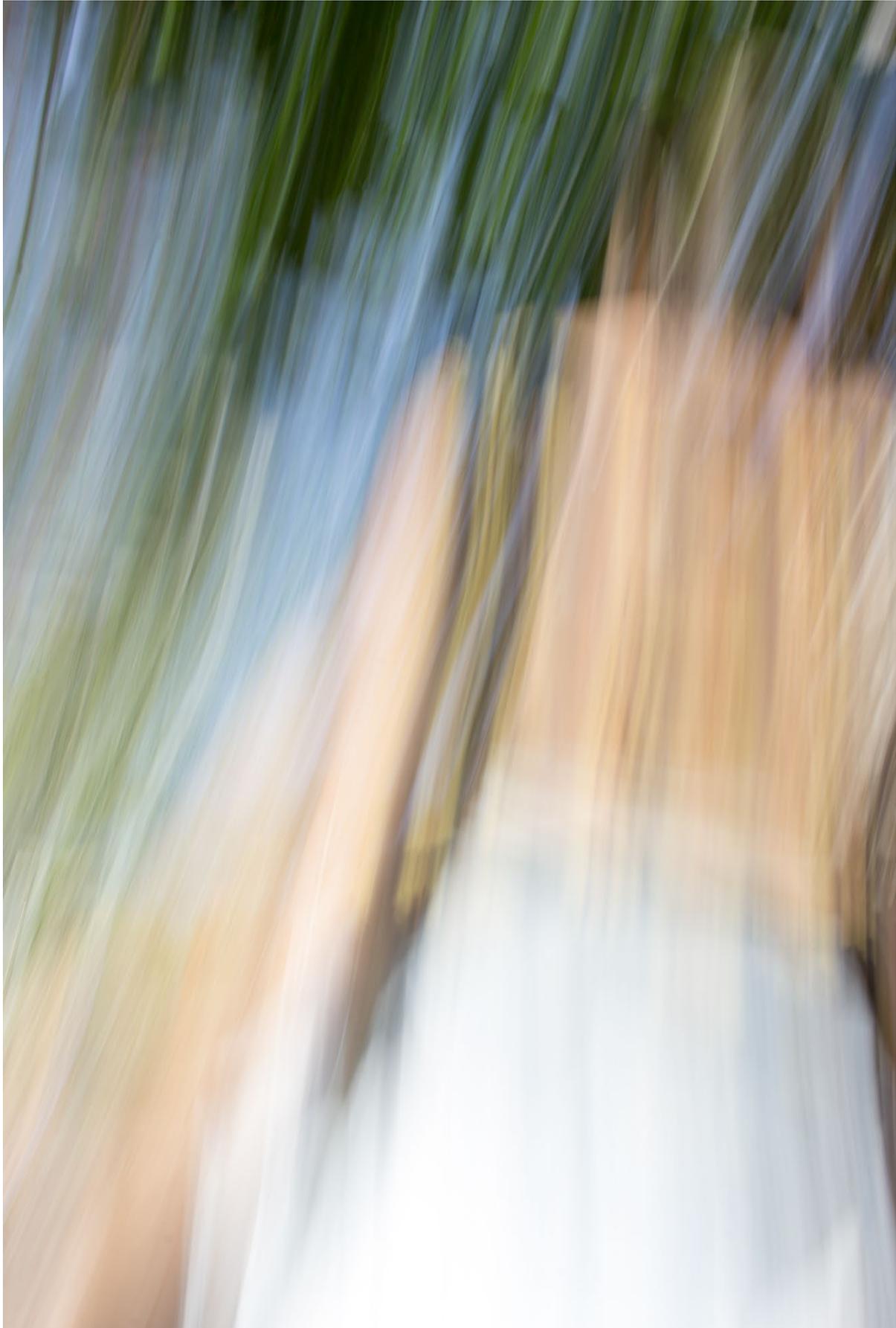
Luciano Siqueira

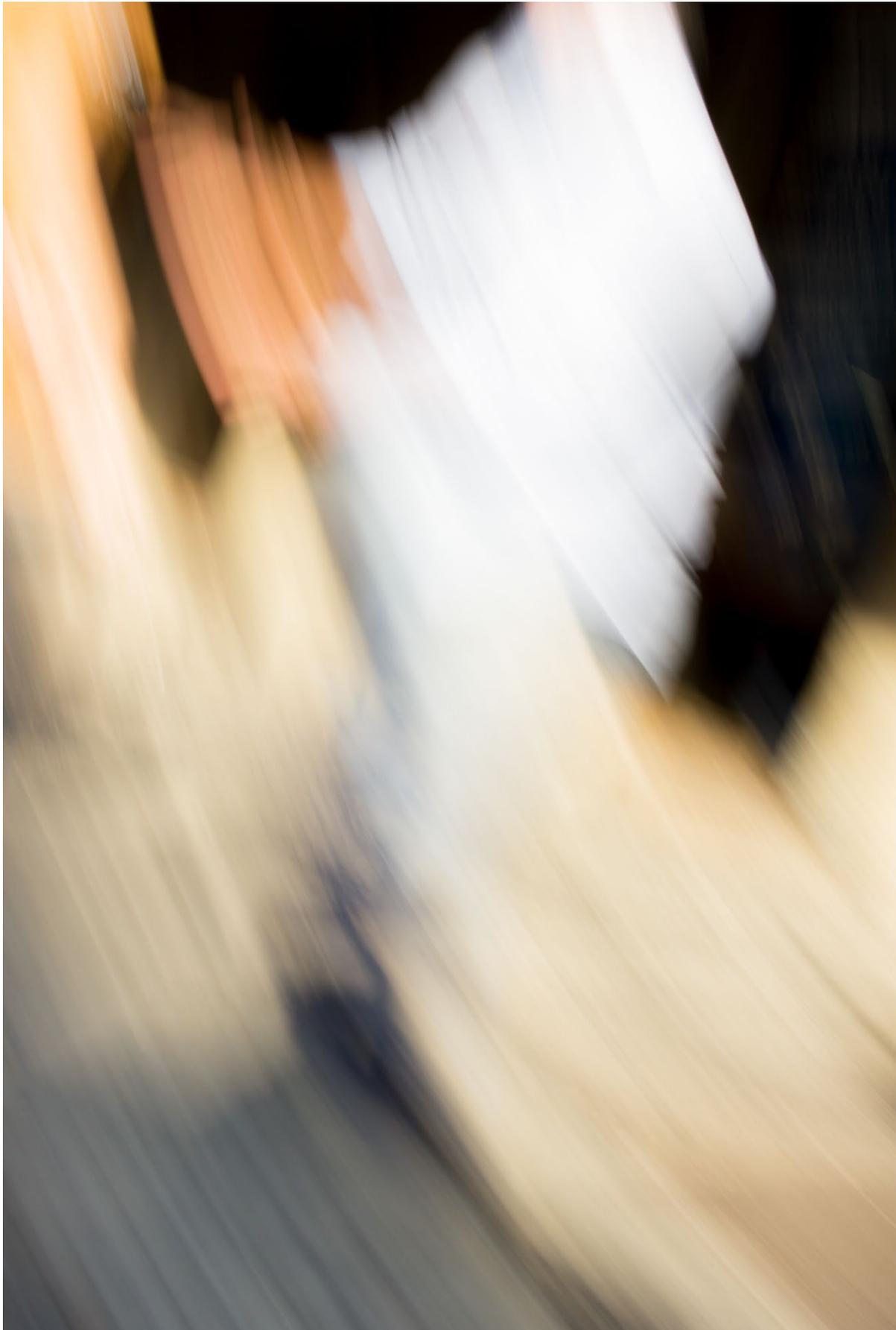
ITINERÂNCIA é uma produção diária em que o fotógrafo e multiartista Luciano Siqueira utiliza os diversos modais de transporte – como ônibus, metrô, trem, bicicleta e também a pé – para captar suas imagens. O projeto reuniu imagens de pessoas anônimas, observando a relação delas com os grandes centros urbanos e explorando a forma como somos impactados pela aceleração metronômica.





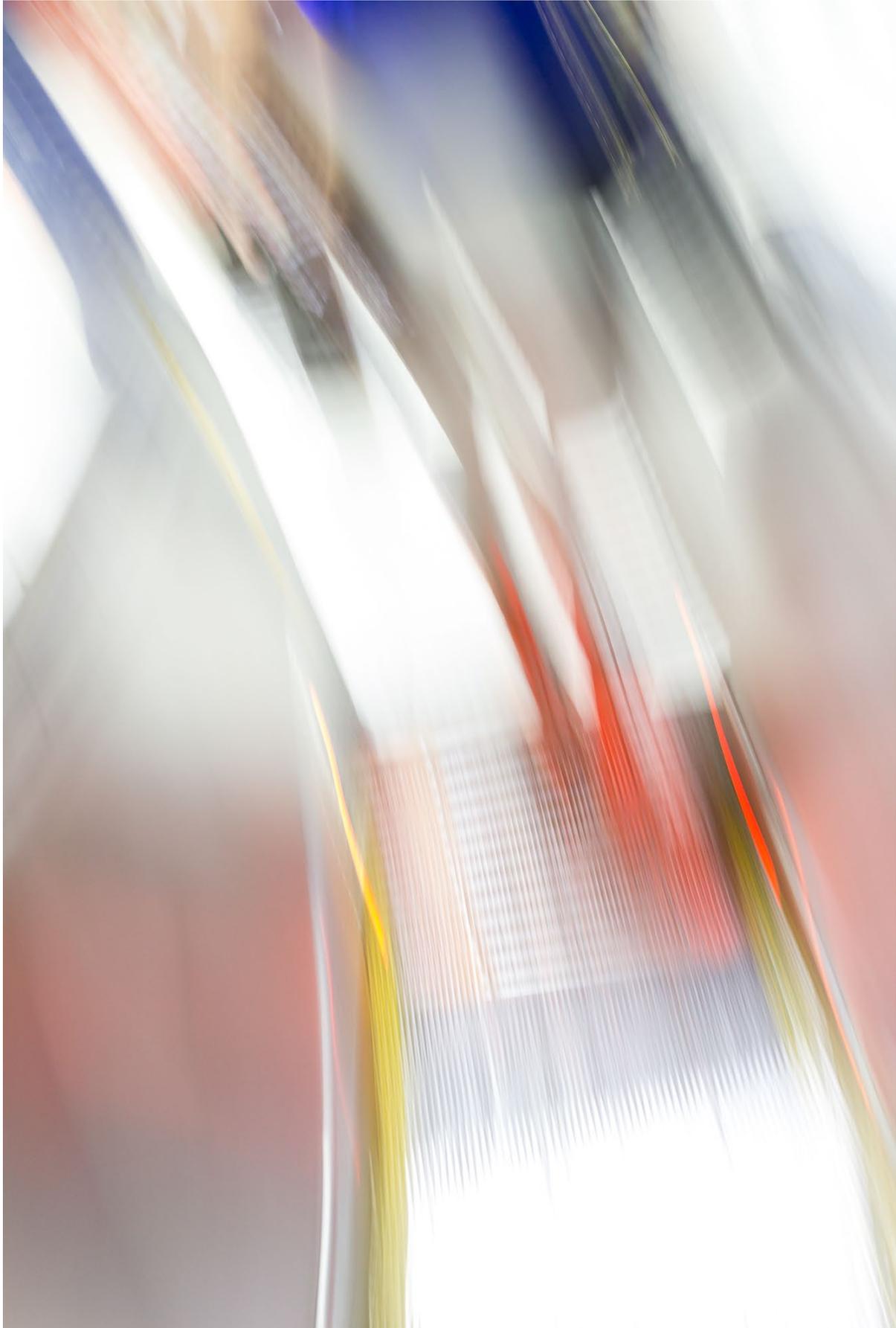




















OS RETRATOS DA SUPERMODERNIDADE DE LUCIANO SIQUEIRA

Manoel Silvestre Friques

Diante das imagens fotográficas que integram a série **ITINERÂNCIA**, do artista multidisciplinar Luciano Siqueira, nutrimos algumas sensações ambivalentes: de imediato, reconhecemos vestígios da figura humana movendo-se no espaço. Aguçada a percepção, impõe-se um obstáculo ao cômodo reconhecimento: onde estão os contornos das figuras? Como é possível atestarmos a visibilidade (e, por consequência, a existência) de um corpo humano sem fronteiras, carente de composição e de precária configuração? Onde estão os limites entre o indivíduo e o espaço circundante?

Realizada a partir de 2017, a série é decorrente de um projeto fotográfico cujo objeto são os corpos que se deslocam por grandes centros urbanos utilizando-se, assim como faz o fotógrafo para captar as imagens, dos diversos modais de transporte – como ônibus, metrô, trem, bicicleta e também a pé. O projeto reuniu imagens que refletem sua relação com os grandes centros urbanos, explorando as *formas* que ganha a vida cotidiana em um tempo marcado por intensa aceleração.

Dentre os variados sentidos que evocam, a efemeridade da experiência humana, sobretudo em um contexto urbano onde o espaço-tempo parece se comprimir, é evidenciada. A escolha estética dessas passagens cotidianas destaca os momentos fugazes de uma rotina que é repetitiva, única e transitória.

Ao mesmo tempo em que a imagem “imortaliza” pequena parcela de um instante que já se foi, o gesto fotográfico opera criando uma tensão entre o que é registrado e mostrado e o que é perdido. A efemeridade, característica essencial do momento capturado, está no cerne dessa dinâmica: enquanto a imagem fixa um instante do tempo, ela não consegue conservar a totalidade da experiência vivida. O fotógrafo, ao registrar esses movimentos, traz à tona, assim, a dialética entre o tempo vivido e o tempo congelado na imagem.

Para Bergson, a verdadeira experiência do tempo é fluida e contínua, algo que não pode ser apreendido em um único instante, mas sim experimentado na sua integralidade. Pensado sob esta perspectiva, **ITINERÂNCIA** revela o aspecto incapturável da *duração* — a experiência viva e fluida que constitui a vida — em imagens estáticas, nos convidando a estar diante de imagens que capturam a essência do efêmero. Não à toa, as fotografias apresentam traços pictóricos, implodindo a

distinção entre figura e fundo em proveito de uma fluidez que capta a vida citadina, cadenciada pelo anonimato, pela rapidez e por relações outras que a da identificação simbólica e do pertencimento que nos conectam a lugares comunitários.

Sob a perspectiva temporal, o que é vivido no instante do movimento, a *duração* contínua que Bergson se refere, é irremediavelmente perdida para a câmera, que fixa uma fração do todo. As imagens itinerantes não apenas registram um momento, mas também sublinham, em chave autorreferente, a impossibilidade do dispositivo de reter o fluxo da vida cotidiana na sua totalidade. Nesse sentido, o ensaio também nos convida a pensar sobre como, em nossa busca incessante por capturar o efêmero, nos distanciamos ainda mais do tempo vivido, sempre em movimento.

A visível velocidade com que os indivíduos transitam em suas jornadas diárias nas estações de transporte urbano torna-os figuras anônimas, fantasmáticas, quase etéreas, reduzidas a fragmentos de movimento em um “não-lugar”, na acepção que faz Augé. Nas fotografias, estes espaços se evidenciam como locais onde o tempo e a identidade se perdem, revelando a tensão entre o que é capturado e o que escapa na rapidez de cada gesto. Tais imagens são, com isso, retratos da supermodernidade, na medida em que exibem não-lugares e não-tempos da rotina de milhares de cidadãos que habitam uma cidade metropolitana do Sul Global.

Sendo assim, a série nos põe a pensar também que, embora cada fotografia registre um momento transitório, ela, paradoxalmente, indica a subtração da profundidade da experiência individual e a impossibilidade de as imagens expressarem a singularidade e autenticidade daquelas vidas. Na série, observa-se um distanciamento crítico em relação à função social da fotografia enquanto um instrumento de sociabilidade que tende a reforçar a unidade familiar por meio dos registros das cerimônias que constituem a narrativa de cada grupo (Bourdieu, 2003). Não estamos diante, por exemplo, de um álbum encarado enquanto um sociograma em que se reconhecem e se reforçam os vínculos familiares. Pelo contrário, se há algo de objetivo e de realista em ITINERÂNCIA, este algo deve ser buscado justamente na capacidade que as fotografias possuem de capturar o não-tempo e o não-lugar. Neste sentido, a série registra uma função social da fotografia distinta do registro mnemônico a exemplo dos álbuns de famílias e viagens; ela expõe uma espécie de anti-memória, na medida em que implode os vínculos familiares e comunitários em proveito da consideração do sujeito enquanto rastro digital de um mundo-nuvem.

Diante das imagens que compõem ITINERÂNCIA, somos convidados a observar uma sociedade pautada pela rapidez e pelo momentâneo, mas que, paradoxalmente, também busca preservar esses fragmentos da experiência humana. Neste contexto, a fotografia se revela enquanto um dispositivo estético que se afasta da experiência única e pessoal para se tornar parte de um fluxo interminável de rastros visuais, dos quais não temos controle e que fomentam toda sorte de vigilância.

Sendo assim, se, por um lado, a série exhibe uma fuga à apreensão objetiva fundamental à sociedade de controle, abrindo-se para uma experiência estética que pode nutrir processos de subjetivação, por outro lado, esta mesma imagem aponta para processos de assujeitamento, seja pela implosão dos vínculos que caracterizam os não-lugares, seja pela transformação dos sujeitos em rastros digitais. A série, assim, ressoa as palavras de Caetano Veloso, em *Anjos Tronchos*:

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais
[...]
Que nuvem, se nem espaço há
Nem tempo, nem sim nem não
Sim nem não

Essa tensão, que Barthes tão bem explora, é o cerne do projeto: como podemos imortalizar o efêmero? Como a fotografia pode ser um esforço de preservação, mas também a evidência e um lembrete constante da fugacidade da vida? O trabalho, ao capturar o movimento das pessoas, provoca essa reflexão, confrontando o espectador com sua própria efemeridade e fragilidade, colocando-o também diante da complexa relação entre tempo, memória e o ato de fotografar.

SOBRE OS AUTORES

Luciano Siqueira - *Artista luso-brasileiro radicado no Porto. Seu trabalho transita entre arte sonora, fotografia e videoarte.*

Manoel Silvestre Friques - *É teórico do teatro e engenheiro de produção. Professor adjunto do Departamento de Engenharia de Produção (UNIRIO), do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC - UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS - UNIRIO).*